

CORPO, TRABALHO E SAÚDE NO UNIVERSO DOS TRABALHADORES EM INFORMÁTICA¹

Simone Eickhoff Bigolin²
Paulo Evaldo Fensterseifer³

Resumo

Este estudo discute a inter-relação entre corpo, trabalho e saúde, subsidiando reflexões que vislumbrem a prevenção de doenças ocupacionais em trabalhadores de um serviço de informática. Para tanto sustenta-se em uma pesquisa de abordagem qualitativa, cujos dados foram coletados por meio da realização de entrevista semi-estruturada com dez trabalhadores de uma organização de médio porte, prestadora de serviços do município de Ijuí-RS. A condição de adestramento do corpo em que os sujeitos realizam suas atividades laborais resulta das relações de trabalho impostas pelas tecnologias e pela organização do trabalho, expondo o trabalhador a fatores que podem trazer agravos à saúde.

Palavras-chave: Adoecimento. Trabalho. Corpo.

Body, Work and Health in the Population of Workers in Computer

Abstract

This study to discuss the relation between body, work and health, producing reflections that show the occupational diseases prevention in workers of informatics service. For this case, it is supported in a research of a qualitative approach were data were collected through the realization of a semi-structured interview with ten workers of an organization of department middle that afford services in Ijuí-RS municipal district. The condition of the body training when the people realize their labour activities is result of the work relations forced by the technology and work organization exposing in this way, the worker to factors that can bring damage to health.

Keywords: Be taking ill. Work. Body.

¹ Artigo resultante da dissertação apresentada ao Mestrado em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí.

² Fisioterapeuta, docente do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí.

³ Docente do Departamento de Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí.

O interesse neste estudo surge da vivência diária de atendimento em clínica. Para o fisioterapeuta, o alvo da rotina numa clínica é o corpo humano, no entanto em cada corpo que se trata há uma especificidade, uma queixa, um sentimento, enfim, um sujeito. E durante o tratamento, que geralmente demanda mais de dez sessões ou dez encontros, cria-se um vínculo que, muitas vezes, leva o fisioterapeuta a conhecer muito mais do paciente do que sua dor, sua postura, sua força muscular. Esse vínculo permite ao profissional conhecer histórias de vida, muitas das quais marcadas por preocupações acerca do trabalho. Frequentemente a patologia que se está tratando origina-se do fator essencial para a sobrevivência humana: o trabalho.

Dessa maneira, foi crescendo o interesse em estudar mais profundamente a condição corpórea do homem no trabalho. Sabe-se o quanto trabalhar é fundamental para a vida das pessoas. E como refere Alves "... antes de mais nada é preciso sobreviver. E quem fala de sobrevivência fala do corpo. O mundo humano também começa com ele" (apud Silva, 1996, p. 50).

A complexidade que envolve o adoecimento dos sujeitos pelo trabalho estimula a constante busca de alternativas que possibilitem alcançar a diminuição das doenças ocupacionais. Nesse sentido, as ações em saúde do trabalhador que visam à minimização dos fatores que determinam agravos à saúde do trabalhador não podem se deter somente nos aspectos biomecânicos, como mobiliário ergonomicamente adequado, posturas corretas e pausas no trabalho. É preciso compreender os fatores psicossociais e administrativos presentes no cotidiano do trabalhador e que podem interferir na sua saúde. Assim, este estudo busca compreender os diferentes aspectos que envolvem o adoecimento do trabalhador e em que contexto as ações de prevenção devem ser inseridas.

Metodologia

Este estudo teve como ponto de partida os trabalhadores, cujas falas auxiliaram para a compreensão do cotidiano de trabalho deles, dos sentimentos

que marcam as suas rotinas de trabalho, do modo de ser de cada um que emerge da organização do trabalho. A tarefa foi traduzir as falas em categorias de análise, confrontando com autores que ofereceram suporte teórico ao estudo. Antecedendo, foi realizado um estudo qualitativo que possibilitou entender questões do cotidiano que não podem ser quantificadas.

O instrumento de pesquisa utilizado foi a entrevista semiestruturada. Num estudo qualitativo, a entrevista constitui-se fundamental, pois é a possibilidade

... de a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistema de valores, normas e símbolos... e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas (Minayo, 1992, p. 109).

O campo empírico escolhido para a realização da pesquisa foi o setor de digitação de notas (transferência de informações das notas para o sistema informatizado) de uma organização ijuicense de médio porte, com um total de 65 funcionários, em que a maioria de seus serviços depende do uso do computador. Por ocasião do contato com a gerência da empresa buscando autorização para a realização da pesquisa, firmou-se o compromisso de não identificá-la no estudo. Feito isso, foi concedida a autorização. A condição de anonimato ofereceu maior segurança aos entrevistados, uma vez que o tema da pesquisa poderia inibir algumas falas, o que prejudicaria a análise posterior.

Foram entrevistadas dez pessoas, mediante consentimento prévio formalizado pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Estes trabalhadores desenvolviam atividades somente no computador e estas se caracterizavam pela transferência de informações do papel para o sistema informatizado (digitação). A sua jornada de trabalho era de 40 horas semanais.

Inicialmente a entrevista foi aplicada a um trabalhador para fins de teste da clareza das questões e da habilidade da pesquisadora. Num segundo momento foram entrevistados os outros nove sujeitos atuantes na mesma função, cujas respostas foram

gravadas e posteriormente transcritas. A análise das falas resultou em categorias, que se identificam como um agrupamento de elementos, ideias em torno de um conceito (Minayo, 1992, p. 70). É importante esclarecer que, na transcrição das falas, algumas foram alteradas, no objetivo de ocultar passagens que pudessem identificar o trabalhador ou a empresa.

Do grupo entrevistado, sete eram do gênero feminino e três do gênero masculino, e a idade média do grupo de 28,4±6,76 anos. Quanto ao tempo de trabalho nesta função na empresa a média era de 3,05±1,97 anos. Já a média de trabalho na empresa era de 4,5 anos. Todos os sujeitos entrevistados foram receptivos à pesquisa.

Compreendendo o Corpo no Trabalho

A análise das entrevistas indica que os trabalhadores, de uma maneira representativa, lembram do corpo apenas na presença de uma sensação de desconforto ou dor. A atividade parece absorvê-los de tal maneira que nem mesmo percebem os movimentos que realizam e/ou posturas que adotam.

Me lembro quando dói, só me lembro quando dói. Quando eu estou sentada sinto uma dor nas costas, me lembro que tenho que alongar, quando dói o dedo, me lembro que tenho que fazer uma massagem, só me lembro disso, senão fico o dia inteiro digitando, não penso nisso, digitando tu se envolve com outras coisas, e não pensa, ou quando tu sai daqui, tenho que fazer um exercício, só que daí falta tempo... (Sujeito D).

A dor parece ser o sinal de alerta de que existe um corpo que pode estar merecendo uma atenção naquele momento do dia. Por que, no entanto, é tão difícil lembrar de algo tão presente, tão visível quanto o corpo? Boltanski afirma que

Se os indivíduos prestam tanto menos atenção ao corpo e mantêm com ele uma relação tanto menos consciente quanto mais intensamente são levados a agir fisicamente, é talvez porque o estabelecimento de uma relação reflexiva com o corpo é pouco compatível com uma utilização intensa do corpo (1989, p.167).

A sensação de dor ou desconforto pela sobrecarga de atividades passa a ser associada à própria função, assumindo, portanto, a condição de normalidade. Haverá uma preocupação mais séria com isso no momento em que se desencadear uma dificuldade para desempenhar as atividades que o trabalho exige.

....a pressão que tem é que nós temos que digitar mais ligeiro, mais rápido, por causa das datas, tipo assim, acho que é a Tereza em primeiro, depois o Pedro, daí depois eu a mais lerdinha e vem o João ainda depois... (Sujeito I).

A cobrança é minha comigo mesma, não que eu quero ser primeira que ele, porque eu não sou assim, mas eu estou aqui parada, agora, enquanto eles estão digitando, então eu sei que aquela quantidade de maços eu vou ter que recuperar, só que eu não preciso fazer isso, mas naquele dia do relatório vai tá lá que a digitou menos (Sujeito A).

O trabalhador necessita de um corpo que o ajude na realização das tarefas, um corpo-instrumento. Ao entrar na empresa, o espetáculo é comandado pelas atividades a desempenhar. Assim, o corpo é considerado um objeto "...do qual se espera eficiência, produção e saúde" (Fassina; Pereyra; Cena, 2001, p. 27).

Para os trabalhadores, o comprometimento com as tarefas é tão grande que, literalmente, esquecem de si. Seus corpos são tratados como instrumentos imprescindíveis ao trabalho, e acreditam que precisam estar saudáveis para cumprir com as obrigações. E quando existe o cuidado com o corpo, é para alcançar aumento na produtividade.

A saúde, mesmo lembrada, não recebe a atenção que deveria. Para os trabalhadores, a prioridade é o trabalho, mesmo que isso signifique danos para a saúde.

Deveria ser a minha saúde, mas infelizmente a gente acaba dando valor ao trabalho, porque sem ele tu não sustenta a tua família, não tem como, infelizmente a gente acaba dando muito mais valor ao trabalho do que à própria saúde, a gente vai lembrar dela quando ela está estourada, isso tu sabe (Sujeito F).

Como “o cumprimento das tarefas... é aspecto determinante para concepção de saúde..., saúde torna-se algo alienado do indivíduo e apropriada pelo meio social na força de trabalho” (Alves et al. 1989, p. 64). Torna-se, então, pertinente buscar formas de conciliar a saúde com o trabalho, pois este é uma atividade essencialmente humana.

...uma coisa depende da outra, mas a saúde deveria ser em primeiro lugar, mas o trabalho também pesa muito, para mim poder fazer meu tratamento é através do meu trabalho (Sujeito F).

Alves et al. alertam que a busca pela subsistência talvez esteja em “...escutar as vozes que se manifestam do corpo, que são as representações mais significativas do que sentimos ou deixamos de sentir” (1989, p. 63). A responsabilidade pela prevenção também pode ser de cada um em perceber os sinais que o corpo emite.

Os laços entre a saúde e o trabalho podem encontrar-se no estabelecimento de uma condição de trabalho mais humanizadora, voltada ao homem. Para isso a compreensão da condição corpórea no trabalho deve abarcar não somente a mecânica de funcionamento do corpo, ou seja, como digitar, como sentar, como se posicionar à mesa. É preciso resgatar a subjetividade do trabalhador para compreender o adoecimento e, posteriormente, a maneira de lhe proporcionar a saúde no trabalho.

Na Carona da Organização do Trabalho

No grupo de trabalhadores entrevistados percebe-se uma ambiguidade em relação à satisfação com a atividade que desempenham. Muitos afirmam gostar do que fazem, no entanto referem contrariedade pelo caráter monótono da atividade. Assim, não é possível afirmar que são sujeitos completamente satisfeitos com o que realizam, pois a maioria está buscando, inclusive, outra formação em curso superior. A função que desempenham na atualidade, portanto, apresenta-se como uma possibilidade para alcançar novas oportunidades.

Este grupo de trabalhadores não realiza nenhum movimento para mudar as condições de trabalho, ou a maneira como estão organizadas as tarefas; preferem acreditar na impossibilidade de alternativas para a mudança. E fica evidenciada esta situação pelo medo da demissão que sentem, como denota a fala a seguir:

Porque assim ó, se eu fosse falar se eu tivesse um problema, antes eu iria para a rua, do que eles melhorar. Tipo o ele foi lá pedir um fisioterapeuta, porque nós, eu não quero, porque isso pode vir a me prejudicar, porque hoje eu preciso do meu trabalho. Enquanto eu for estudante, eu preciso, depois que eu acabar tudo bem, aí eu vou lá vou dizer eu tô com tal problema, queria ver se eu pudesse entrar noutra trabalho, enquanto isso eu não posso, eu tô com esse problema, a empresa se quer te demitir te demite, não interessa, se ela vai pagar teus direitos ou não, sabe, meu curso ensina isso, então assim, por isso eu não gosto que ele vai e diz, eu digo, vamos parar com isso, vamos se tratar, por que assim ele vai lá e fala, não gosto... (Sujeito A).

Apesar de haver uma certa consciência de que as condições de trabalho poderiam ser melhores, eles silenciam pela necessidade do emprego. São trabalhadores tímidos, ou seja, não lutam por melhores condições única e exclusivamente pelo medo da demissão. Até mesmo os sintomas de dor preferem ocultar porque têm medo de que a empresa demita para trocar o pessoal, pois uma rotatividade de pessoas no setor acarretaria menos riscos de doenças ocupacionais. É o que está no imaginário destes sujeitos, e que acaba acomodando-os à rotina diária de trabalho, sem reclamar dos danos que as condições e a organização do trabalho determinam à corporeidade.

Hoje em dia é difícil, porque se tivesse outros empregos, mas tem que segurar o que tem (Sujeito I).

O trabalhador recebe as marcas do trabalho, é tatuado pelas formas de executar as tarefas e constrói maneiras de pensar, de sentir e de ser, delimitando também as práticas sociais (Tittoni, 1994, p. 170). Nesta afirmação percebe-se a influência do trabalho na corporeidade, posteriormente confirmada pelas falas dos trabalhadores.

Bom, nós seguimos um calendário de atividades, então mais ou menos a gente tem definido o que tem que ser feito até tal período, para se cumprir as tarefas e a gente não tem a priori nada estabelecido, nós somos controlados digamos assim pelo prazo e até tal data nós temos que cumprir e fechar uma determinada atividade, um determinado procedimento, e a gente acaba se organizando de uma certa forma para conseguir concluir o procedimento, concluir a tarefa (Sujeito C).

Esta fala expressa o modo como está organizado o trabalho do grupo estudado. Fica evidente que, de uma forma ou outra, estes trabalhadores devem organizar-se para dar conta das tarefas em tempo hábil. Quando, todavia, um trabalhador afirma que são controlados pelo prazo, revela também o quanto se torna objeto manipulado da organização do trabalho. E nesta relação do homem com o trabalho é importante salientar que a organização do trabalho é, de uma certa maneira, a vontade do outro que se expressa naquele ambiente (Dejours, 1994).

A organização do trabalho promove

... a divisão do trabalho e sua repartição entre os homens, isto é, a divisão dos homens: a organização do trabalho recorta assim, de uma só vez, o conteúdo da tarefa e as relações humanas de trabalho... O trabalhador é despossuído de seu corpo físico e nervoso, domesticado e forçado a agir conforme a vontade do outro (Dejours, 1994, p. 27).

Se tem para digitar, eu tenho que, é só digitar, não tenho como escolher outra função, porque você só vai ter para digitar, só digita (Sujeito A).

Esta fala explicita bem o caráter da obrigatoriedade nas atividades dos sujeitos. Não há liberdade de escolha, afinal, em determinados dias, “é só digitar”. Dessa maneira, a condição corpórea dos sujeitos, num lugar onde está tudo predeterminado pelos prazos a cumprir, encontra-se atrelada à capacidade de dar conta das atividades. A forma como está organizada a situação de trabalho estudada aponta para uma aproximação com o trabalho taylorista e, conforme argumenta Merlo, isso impede a conquista da identidade, a liberdade de organização, de reorganização e de adaptação ao trabalho, pois a adaptação exigiria uma atividade intelectual e cognitiva que o taylorismo não admite (1998, p. 86).

E este compromisso é tão forte entre todos que o reconhecimento dentro da empresa está atrelado a isso, como revela a próxima fala. Uma única vez em que o setor falhou e não cumpriu os prazos, marcou-o pela ineficiência. E atualmente eles trabalham em ritmos para além do humano, buscando recuperar o reconhecimento que o setor usufruía anteriormente.

... a gente tem que ter um prazo estabelecido para tudo, aqui dentro a gente procura ó, até tal dia tem que estar pronto, nesse sentido a gente se organiza para isso, tanto é que deu um problema uma vez de ocorrer um atraso, desde então nunca mais ocorreu atraso, a gente sempre entrega antes do prazo, eu sempre digo para o pessoal vamos procurar resgatar aquela confiança que tinha antes no setor para gente chegar e cobrar (Sujeito B).

Seguramente o que está mais presente nas falas destes trabalhadores é a repetição das tarefas, a monotonia, a pouca criatividade na realização das atividades. Isto os incomoda, construindo motivo de insatisfação, como já observado anteriormente.

...torna assim sempre a mesma coisa, mesma coisa, mesma coisa. Digitar é assim, é uma coisa, é aquele campo e deu... (Sujeito A).

Se a rotina desmotiva, o ambiente conta com sujeitos acomodados, sem perspectivas. O que vislumbram para a frente é igual todos os dias, todos os meses. Com isso, “O ato de criação, próprio do ser humano, é cotidianamente atrofiado quando o trabalhador, por necessidade de sobrevivência, completa, dia após dia, jornadas de trabalho absolutamente iguais” (Guareschi; Grisci, 1993, p. 49). O que isso reflete na corporeidade?

... eu acho que o corpo da gente faz com que a gente esgote, tu fica naquela, agora tenho que ir na aula, de manhã tu levanta, aí minha nossa, não que seja estressante, mas se torna cansativo até pelo fato de ser a mesma coisa, eu acho que é isso, se fosse mudar, tu ter mais contato com pessoas, cada dia uma coisa, claro ia ter aquele dia que o usuário ia vir te botando a boca, mas é uma coisa diferente, que muda tua rotina, tu se escabela, faz um monte de coisa... (Sujeito A).

Quando este trabalhador declara que as tarefas rotineiras estão “incutidas”, pode-se entender que isso já faz parte de sua vida e não mais questiona se

é certo ou não, se este ritmo ou organização das tarefas estão adequados ou não. São trabalhadores displicentes no cuidado com o corpo e também na luta por melhores condições de trabalho. Novamente se percebe a alienação do trabalhador. Segundo Dejours, a organização do trabalho aparece como “...um veículo da vontade de um outro, a tal ponto poderosa que, no fim, o trabalhador se sente habitado pelo estranho” (1992, p. 137).

Eu acho que poderia ser um pouco diferente, em função da rotina que a gente tem todos os meses, eu acho que acaba bitolando, levando a gente a se comportar de uma maneira muito uniforme, a gente não tem muita variação, então eu acho isso um aspecto ruim, porque a gente acaba sempre ficando naquela seqüência daquele roteiro de atividades, isso acaba atrapalhando (Sujeito C).

Esses sujeitos acreditam que a mudança deve estar dentro de cada um, ou seja, a responsabilidade pela saúde é algo pessoal. É preciso que cada um tome consciência do que pode ser transformado e, a partir daí, modificar suas atitudes e maneira de ser no trabalho. Esta é a lógica que determina a autculpação do trabalhador pelo adoecimento.

Eu me conscientizar, eu, porque eu digito, eu vou digitando, digitando, enquanto eu não acabar, eu não paro, eu sei que eu sou assim, se o ... digita mais notas que eu sai no relatório, eu particularmente não gosto, porque eu sei que eu sou rápida, que se eu tô indo mais devagar, é por causa de lerdeza (Sujeito A).

...não adianta o funcionário, o colaborador querer pensar extremamente na saúde, quando ele não tem subsídios para isso, ele vai passar a dar uma atenção também para a organização, aí sem ele vai poder casar as duas coisas e tentar levar as duas coisas de uma certa forma bem amparadas, senão se existe uma cobrança apenas em termos de produção, o que o funcionário vai fazer, vai acabar, querendo ou não, tendo que dar uma atenção especificamente para os processos, para as atividades e ele não vai ter condições de se preocupar com a saúde, a saúde vai acabar ficando em segundo plano, na medida que a organização passar a dar um reconhecimento para a questão da saúde vinculada com a atividade, eu acredito que as coisas fiquem bem mais fáceis (Sujeito C).

A necessidade de sintonia entre o trabalhador e a organização do trabalho é referida na última fala. As mudanças devem ocorrer na organização, na maneira como estão estruturadas as relações no ambiente de trabalho, quanto a número de funcionários, cobrança de atividades, prazos. Para eles, isso repercute no modo de cada um realizar a atividade e constituir-se trabalhador.

Considerações Finais

Ouvir dos próprios trabalhadores relatos sobre o seu dia a dia de trabalho foi muito significativo, uma vez que possibilitou refletir sobre o impacto que as cargas de trabalho promovem na subjetividade dos sujeitos. Interessante perceber que eles falam sobre a rotina que lhes parece dentro de uma normalidade, no entanto uma análise pode denotar possibilidades de adoecimento. Possivelmente acontece pela subjetivação do processo de trabalho na vida dos sujeitos, uma espécie de incorporação dos objetivos capitalistas às suas vidas.

Em resposta às proposições iniciais deste estudo, pode-se concluir que o trabalho influencia na corporeidade, pois condiciona os corpos ao ritmo da produtividade. Se a prioridade é o trabalho, é a ele que está destinada toda atenção e preocupação. Quando referem “Só me lembro quando dói...”, deixam claro o lugar ocupado pelo corpo no espaço da atividade laboral. Na verdade, a repressão do corpo é consequência da disciplina de trabalho, que se apoia na possibilidade de os trabalhadores esquecerem seus corpos para atingir o ritmo de produtividade que lhes é imposto.

Nas atividades com o computador, a adequação ergonômica, o cuidado com a postura, as pausas, são fatores importantes para a prevenção das doenças relacionadas ao trabalho, no entanto se houver pressão para dar conta de um certo volume de trabalho, existe aí algo que pode ser prejudicial à saúde humana.

As mudanças no modo de ser e de se constituir trabalhador demandam uma outra concepção de trabalho para cada um. O trabalho não apenas como a

possibilidade de pagar as despesas no fim do mês, mas também como uma contribuição importante para a realização do ser humano. Resta saber, no caso em questão, se há possibilidades de escolha, pois esses trabalhadores julgam o “emprego” fundamental em suas vidas. Os que ainda estão na universidade esperam libertar-se da atividade que executam hoje e buscar novas oportunidades de trabalho que o curso superior poderá proporcionar.

Foi importante resgatar, neste grupo estudado, a percepção que eles têm do cuidado com a saúde no trabalho, pois possibilitou entender o quanto os sujeitos estão subordinados ao processo de trabalho. É interessante destacar que neste ambiente o chefe não está presente, e não há o controle com o olhar, mas há um controle com o “relatório”. Este aspecto é suficiente para impulsioná-los a crescer em produtividade, mesmo sem resultar em ganhos financeiros adicionais. Produzem para manter o emprego.

Pela importância que a saúde assume na vida dos trabalhadores, bem explicitado por suas vozes, justifica-se a necessidade de estudos que possibilitem esta reflexão. E mais: para que essas reflexões possam interferir e alcançar mudanças no processo produtivo. O trabalho nunca foi e nunca será ruim ao homem; pelo contrário, é uma das formas de realização do ser humano. A maneira como o homem está trabalhando é que o está prejudicando.

Concretizar as mudanças depende da vontade dos trabalhadores e das organizações, mas a equipe de saúde também carece de entender a atenção à saúde do trabalhador de forma integral. Não é possível o fisioterapeuta preocupar-se com a postura, o médico com os sintomas, o engenheiro com a segurança no trabalho e esquecerem o sujeito que se esconde atrás de toda a máquina produtiva. É preciso reconhecer os trabalhadores como sujeitos no processo, ou seja, respeitá-los como seres autônomos, incorporados pelo desejo, pela motivação.

Como o mundo do trabalho está nas mãos dos detentores do capital, o grande desafio aos profissionais da saúde é alcançar efetivamente as mudanças no interior do processo do trabalho. Para isso acontecer um programa de atenção à saúde do trabalhador deve provocar mudanças na concepção dos “che-

fes” sobre o que é qualidade de vida no trabalho, ou seja, que as estratégias de atenção à saúde do trabalhador se preocupem realmente com os sujeitos e não com o ganho de produtividade. Essa nova concepção exige mudanças na lógica produtivista. Não é preciso acabar com o trabalho, basta transformá-lo numa das fontes verdadeiras de realização dos homens.

Referências

ALVES, Albertina Rodrigues et al. Saúde e doença: uma abordagem sócio-cultural. In: BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: o estudo da psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez; Oboré, 1992.

_____. *Psicodinâmica do trabalho: Contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994.

FASSINA, Mirtha; PEREYRA, Cecília; CENA, Marcela. *Experiencia de sí y problematizaciones en las prácticas corporales*. 2001. (Licenciatura especial en Educación Física) – Facultad de Ciencias Humanas, Departamento de Educación Física; Universidad Nacional de Río Cuarto, Córdoba. (Tradução da autora).

GUARESCHI, Pedrinho A.; GRISCI, Carmen Ligia I. *A fala do trabalhador*. Petrópolis: Vozes, 1993.

MERLO, Álvaro R. C. Discursos e sintomas sociais: uma reflexão sobre as relações trabalho e saúde. *Rev. Educação, Subjetividade & Poder*, Ijuí, v. 5, p. 84-91, jul. 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 1992.

SILVA, Meri Rosane Santos da. *A educação física, o corpo e o movimento humano na perspectiva do mundo do trabalho*. 1996. 151p. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS).

TITTONI, Jaqueline. *Subjetividade e trabalho: a experiência no trabalho e sua expressão na vida do trabalhador fora da fábrica*. Porto Alegre: Ortiz, 1994.